

Cores em rótulos de discos de 78 RPM

Detalhe gráfico ou informação musical?

Colors on 78 RPM record labels: graphic detail or music information? / Cores en etiquetas de discos de 78 RPM: ¿detalle gráfico o información musical?

Eduardo Vetromilla Fuentes

Doutor em Ecologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil.

fonotecapelotense@gmail.com

Camila Monteiro de Barros

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC, Brasil.

camila.c.m.b@ufsc.br

Rafael Henrique Soares Velloso

Doutor em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e coordenador do Laboratório de Etnomusicologia e da Discoteca L. C. Vinholes da UFPel, Brasil.

rafavelloso@gmail.com

RESUMO

Este estudo investiga o uso de cores em rótulos pela gravadora transnacional Columbia, e a inclusão desta informação em bases discográficas de 78 RPM. Apesar de sua importância no contexto da informação musical, este dado ainda é negligenciado em bases brasileiras. O emprego de campos específicos para sua descrição em bases internacionais colaborativas representa um avanço para fins de recuperação, organização e representação da informação musical nesses suportes.

Palavras-chave: discos de goma-laca; bases de dados discográficas; Discoteca L. C. Vinholes; organização e recuperação da informação musical.

ABSTRACT

This study investigates the use of colors on record labels by the transnational Columbia Records, and the inclusion of this information on 78 RPM record databases. Despite its importance in music information context, this data is still neglected in Brazilian databases. The use of specific fields for their description on collaborative international databases represents an advance for the purposes of retrieving, organizing and representing music information in these supports.

Keywords: shellac records; record databases; Discoteca L. C. Vinholes; music information organization and retrieval.

RESUMEN

Este estudio investiga el uso de colores en etiquetas por parte de la transnacional Columbia Records, y la inclusión de esta información en bases discográficas de 78 RPM. A pesar de su importancia en el contexto de la información musical, este dato aún está olvidado en bases brasileñas. La utilización de campos específicos para su descripción en bases colaborativas internacionales supone un avance a los efectos de recuperar, organizar y representar la información musical en estos soportes.

Palabras clave: discos de goma laca; bases de datos discográficas; Discoteca L. C. Vinholes; organización y recuperación de información musical.



Introdução

A recuperação da informação musical (music information retrieval – MIR) é um campo de pesquisa dedicado ao estudo da música em seus mais diversos suportes, sob o ponto de vista de seu conteúdo informacional. Neste campo de estudos, a informação musical pode ser vista como o conjunto de dados informacionais obtidos, organizados e representados a partir de obras musicais, estejam elas na forma impressa, manuscrita ou gravada, no sentido de facilitar o acesso, a recuperação e o uso desses recursos (Smiraglia, 2002).

No âmbito da MIR, a informação musical está presente tanto nas propriedades físicas da obra musical, esteja ela gravada em um disco ou impressa em uma partitura, quanto em suas propriedades intelectuais: suas características musicais, artísticas, conceituais e bibliográficas. Para Smiraglia (2002), os sistemas de recuperação da informação musical são estruturados a partir dessas características, as quais o autor define como atributos da entidade documental.

Ao enfrentar a complexidade representativa e organizacional da informação musical, Downie (2003) propõe um modelo multifacetado de abordagem para recuperação da informação contida em obras musicais, composto por sete facetas: altura, temporal, harmônica, timbral, editorial, textual e bibliográfica (tradução nossa).¹ Esta última é a única que não deriva especificamente da leitura, escuta ou interpretação da obra musical, a qual o autor define como informação descritiva sobre a música, ou metadado musical.

O presente estudo se debruça sobre os discos de 78 rotações por minuto (RPM) enquanto entidades documentais. Estes discos são considerados documentos históricos por representarem, no seu conjunto, o maior repositório mundial do fazer musical nos primeiros 50 anos do século XX, nos quais este suporte foi o principal meio de registro sonoro (Gronow, 2014). Este estudo tem como foco os rótulos de discos de 78 RPM, na perspectiva da organização e da representação da informação, somando-se ao esforço conduzido no sentido de conhecer, organizar e divulgar um recorte do acervo fonográfico da Discoteca L. C. Vinholes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a sua coleção de discos de goma-laca.

A representação da informação de discos de 78 RPM apresenta desafios consideráveis, tais como a dificuldade de acesso a dados bibliográficos detalhados e a falta de padronização em sua organização. Muitas coleções históricas permanecem “invisíveis” em acervos institucionais ou particulares,

¹ “These facets are the pitch, temporal, harmonic, timbral, editorial, textual, and bibliographic facets” (Downie, 2003; p. 297).

dificultando e muitas vezes impossibilitando a recuperação e o uso dessas informações por pesquisadores e pelo público em geral. Projetos em rede e bases de dados colaborativas têm ampliado o acesso e a representação dessas informações, superando barreiras por meio da catalogação e do compartilhamento de registros (Lorimer, 2012).

Uma breve consulta a bases discográficas nacionais e internacionais mostra o quão distante se encontra a padronização em sistemas de organização de informações bibliográficas musicais. Enquanto algumas oferecem, ainda que de forma incompleta, as informações na forma estruturada de metadados, como a BNDigital da Fundação Biblioteca Nacional, a maior parte utiliza sistemas próprios de representação que priorizam apenas parte dessas informações, como a Discografia Brasileira do Instituto Moreira Salles e o Instituto Memória Musical Brasileira. Além de serem focadas exclusivamente em fonogramas de artistas nacionais, estas últimas não oferecem informações comumente disponíveis em rótulos de discos de 78 RPM como, por exemplo, nome e endereço de produtores fonográficos.

A disponibilização da imagem de rótulos em bases discográficas eleva tais registros à condição de fonte primária para fins de pesquisa, uma vez que permite a visualização direta do conjunto completo de suas informações, facultando estudos mais contextualizados. O uso dessas imagens é bastante empregado na base colaborativa de dados Discogs, na qual detalhes gráficos e bibliográficos presentes nos rótulos são utilizados para determinar a distinção entre diferentes versões de uma mesma obra. A Discografia de Gravações Históricas Americanas da Universidade de Califórnia em Santa Bárbara² vai além, disponibilizando áudios de fonogramas e categorizando parte desses registros com a informação da cor empregada em seus rótulos e da nacionalidade de sua fabricação.

Com base no contexto problematizado, o presente estudo aborda as seguintes questões: Que informações estão relacionadas às diferentes cores utilizadas em rótulos de discos de 78 RPM? Como essas informações estão representadas em bancos de dados discográficos? O objetivo deste trabalho é investigar como a cor do rótulo foi utilizada em discos de 78 RPM pela gravadora transnacional Columbia, e como essa informação aparece em bases discográficas nacionais e internacionais. Cabe ressaltar que este artigo é parte de um estudo mais amplo sobre documentos da gravadora Columbia e de outras gravadoras presentes na coleção de discos de 78 RPM da Discoteca L. C. Vinholes, e que o mesmo se

2 Discography of American Historical Recordings of University of California (UC Santa Barbara).

encontra em fase preliminar de abordagem, focada na importância dos rótulos de discos de 78 RPM como instrumentos de representação da informação musical ainda pouco explorados.

Vicente e De Marchi (2014) destacam a presença dominante de gravadoras transnacionais no Brasil, especialmente após o surgimento da tecnologia de gravação elétrica, período em que as gravadoras Columbia, RCA Victor e Brunswick aqui se instalaram. Juntamente com a Odeon, elas foram fundamentais na formação de um mercado musical que se expandiu rapidamente, especialmente entre as décadas de 1920 e 1930, em que estabeleceram modelo de negócios que priorizava a produção e distribuição em larga escala que consolidaram seu domínio no mercado.

Estudos como o de Lemos e Aragão (2023) sobre a fonografia brasileira apresentam diversas situações em que essas gravadoras contribuíram na construção das representações sonoras e da diversidade musical no Brasil. A RCA Victor, por exemplo, foi responsável pelo registro fonográfico de ampla gama de artistas nacionais, contribuindo para a popularização de gêneros que se tornaram representativos da cultura musical brasileira.

Vicente e De Marchi (2020) apontam a inter-relação entre a indústria fonográfica e outros meios de comunicação, como rádio e televisão, como o principal fator na ampliação do alcance das produções dessas gravadoras. A capacidade de Odeon, Columbia e RCA Victor de se adaptarem às novas mídias e às mudanças na preferência do público foi crucial para sua permanência no mercado. Dentre as transnacionais aqui citadas, a Brunswick teve menor longevidade, encerrando suas atividades nos anos 1940, enquanto as demais permanecem no mercado até a atualidade, embora com outras denominações.

Cores de rótulos na indústria fonográfica

Em sua investigação sobre as origens da rotulagem de discos na indústria fonográfica mundial, Osborne (2007) observa que o uso de diferentes cores em rótulos começou com o lançamento do “selo vermelho” (red seal) em gravações de música clássica por uma filial russa da Gramophone Company em 1901. Essa diferenciação se dava tanto na cor quanto nos preços dos discos e, por se revelar uma prática bem-sucedida comercialmente para essa empresa, passou a ser adotada em gravadoras como Victor e Columbia nos anos seguintes.

Osborne (2007) aponta que a gravadora Victor estabeleceu uma escala hierárquica entre seus produtos a partir de 1903, com seus rótulos vermelhos situados no topo da escala. Rótulos roxos foram usados para o lançamento de

estrelas da Broadway e outros artistas menos famosos entre 1910 e 1920. Rótulos azuis foram usados para o relançamento de rótulos roxos em discos duplos (com dois lados gravados) entre 1914 e 1926. Os rótulos pretos estavam na base da escala tanto artística quanto econômica, reservados para artistas populares. Em resposta, a gravadora Columbia passou a adotar rótulos multicoloridos para repertórios clássicos e operísticos (1906 a 1923) e rótulos azuis para gravações de personalidades e artistas clássicos menos famosos, reservando igualmente os rótulos pretos para o gosto popular.

A utilização de diferentes cores em rótulos de discos de 78 RPM esteve presente na produção fonográfica brasileira desde suas origens. A Casa A Eléctrica, dos irmãos Savério e Emilio Leonetti, é uma das pioneiras da indústria fonográfica nacional, tendo lançado seus discos ainda na fase mecânica de fabricação em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1913 e 1923 (Vedana, 2006; Buys, 2021). Na pesquisa em que apresenta a marca Apollo como mais um dos produtos da Casa A Eléctrica, Buys (2021) indica que até então só se conhecia duas marcas da gravadora dedicadas ao repertório nacional, Gaúcho e Phoenix. Segundo o autor, os discos Gaúcho eram lançados em quatro versões, que receberam designações alusivas à coloração predominante em seus rótulos: “Gaúcho-rosa”, “Gaúcho-tricolor”, “Gaúcho-preto-e-branco” e “Gaúcho-vermelho”.

O autor sugere que a marca Apollo, assim como a Phoenix, era dedicada exclusivamente ao relançamento de fonogramas originalmente lançados pela marca Gaúcho. Para repertórios internacionais, especialmente música argentina e uruguaia, a gravadora utilizava diferentes marcas: Artigas, Atlanta, Era e Tele-phone. O relato de Buys (2021) acerca da categorização dos discos Gaúcho em função da cor de seus rótulos e o uso de diferentes marcas para a separação de repertórios indica que os irmãos Leonetti, guardadas as possíveis distinções, adotaram práticas semelhantes às das gravadoras norte-americanas Victor e Columbia para o lançamento de suas gravações.

Metodologia

A presente pesquisa é quali-quantitativa do tipo descritivo-exploratório e foi realizada em duas etapas. Para investigação das cores dos rótulos fabricados pela gravadora transnacional Columbia, utilizamos como amostragem a coleção inventariada de discos de 78 RPM da gravadora pertencente ao acervo fonográfico da Discoteca L. C. Vinholes, localizada no Centro de Artes da UFPel, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

A escolha da coleção da gravadora Columbia levou em consideração não apenas sua importância no desenvolvimento do mercado fonográfico nacional, mas também sua elevada representatividade numérica no acervo estudado, a qual permitiu observar mais detalhadamente como suas informações eram organizadas e representadas, além da escassez de estudos sobre sua discografia no âmbito da pesquisa sobre a produção fonográfica brasileira.

Foram registradas 1.538 imagens de rótulos da gravadora, as quais foram analisadas em função da sua coloração predominante, geralmente representada pela cor de fundo do rótulo. As cores básicas foram identificadas de forma visual e comparativa através da análise do conjunto completo das imagens, sendo posteriormente agrupadas conforme seu matiz predominante, reproduzido de forma aproximada nas células de cada linha da planilha correspondente ao item analisado, gerando coluna correspondente ao campo de cor do rótulo.

A planilha de inventário da coleção de discos de 78 RPM da Discoteca L. C. Vinholes, ordenada conforme a codificação alfanumérica da série catalográfica de cada rótulo, foi utilizada como guia para a organização, o cruzamento e a análise de informações. Detalhes sobre a construção desta planilha estão descritos em Fuentes (2024). A correspondência entre as diferentes colorações predominantes identificadas e as séries catalográficas dos rótulos foi avaliada de forma quantitativa.

Para o levantamento e cruzamento das informações representadas nos rótulos de discos, foram consultadas as bases discográficas nacionais da Discoteca L. C. Vinholes da UFPel (em construção), da Discografia Brasileira do Instituto Moreira Salles (IMS, 2025), do Instituto Memória Musical Brasileira (Immub, 2025) e da BNDigital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN, 2025), e as internacionais Discogs (2025) e Discografia de Gravações Históricas Americanas da Universidade de Califórnia (DAHR, 2025).

A existência de informações sobre coloração de rótulos foi investigada através de consulta direta sobre os campos de dados disponíveis para os itens inventariados nas coleções catalogadas nessas bases. Datas de lançamentos de discos de repertórios e artistas nacionais foram obtidas na página da Discografia Brasileira (IMS, 2025). Os resultados apresentados a seguir levaram em consideração dois aspectos, as nacionalidades de fabricação e de repertório dos discos e o predomínio quantitativo das colorações identificadas nos rótulos.

Cores de rótulos da gravadora Columbia

Diversas colorações de rótulos foram observadas na coleção Columbia da Discoteca L. C. Vinholes em rótulos de repertórios de artistas nacionais e internacionais.

Quanto à nacionalidade de fabricação dos discos, os rótulos foram classificados neste estudo como nacionais ou internacionais. Quanto ao predomínio de unidades de mesma coloração se destacaram os rótulos pretos, azul-claros, azul-escuros/roxos e vermelhos, em ordem decrescente de predominância.

Começando pelos discos de fabricação nacional presentes no acervo e de acordo com datação da Discografia Brasileira, foram encontrados rótulos pretos de repertórios nacionais lançados entre os anos de 1929 e 1957 (Quadro 1).³ O primeiro aspecto informacional dos rótulos pretos é que estes são os mais bem representados quantitativamente na coleção Columbia da Discoteca L. C. Vinholes, sendo uma das opções escolhidas pela gravadora para o lançamento de obras e artistas nacionais no Brasil (Figura 1a).

Rótulos azuis também foram utilizados para artistas nacionais, lançados com outro logotipo (Figura 1b). A mudança da cor do rótulo de preto para azul em repertórios nacionais se apresenta como um marco temporal na produção da gravadora, e foi acompanhada de alteração do padrão gráfico de impressão. Não encontramos rótulos com este novo padrão na cor preta.

Os rótulos pretos não foram exclusivos do repertório nacional, sendo também utilizados para lançamentos de repertórios internacionais (Figura 1c). Esses repertórios, por sua vez, foram encontrados de forma mais numerosa em outras cores de rótulos: azul-claro (Figura 1d), azul-escuro (Figura 1e), roxo (Figura 1f), vermelho (Figura 1g) e rosa (Figura 1h).

Rótulos azul-claros para artistas internacionais foram mais numerosos, enquanto poucas unidades de rótulos vermelhos foram encontradas dispersas em diversos segmentos catalográficos. Rótulos azul-escuros e roxos foram encontrados na série 30-1100, apresentando diferentes tonalidades que dificultaram sua diferenciação, demandando análise posterior de suas características, no sentido de verificar se representam diferentes segmentos catalográficos dentro da série. Apenas quatro rótulos de cor laranja foram encontrados na série 30-3500.

³ 394 registros foram excluídos dos resultados apresentados no Quadro 1 por formarem segmentos pouco numerosos, divididos por cores variadas (especialmente preto e azul) que impediram a definição clara de sua série catalográfica.

Quadro 1 – Número de rótulos e anos de lançamento das diferentes séries catalográficas da gravadora Columbia presentes na coleção de discos de 78 RPM da Discoteca L. C. Vinholes, com suas respectivas cores e nacionalidades de repertório

Nacionalidade	Cores	Séries	Rótulos	Lançamento
Nacionais	Preto	5000	64	1929-1930
		8000	44	1935-1938
		55000	312	1939-1943
		CB – 10000	202	1959-1957
	Azul-claro	CB – 11000	26	1956-1962
Internacionais	Preto	50000	88	–
		CB – 1000	30	
	Azul-claro	30 – 3000	92	–
		CB – 2000	186	
		CB – 3000	24	
	Azul-escuro / Roxo	30 – 1100	52	–
	Vermelho	Várias	24	–

Fonte: elaboração própria por análise quali-quantitativa da coleção de discos de 78 RPM da gravadora Columbia da Discoteca L. C. Vinholes da Universidade Federal de Pelotas (2025)



Figura 1 – Rótulos Columbia (a) CB – 10.028-B; (b) CB – 11123-B; (c) CB – 1.020-B; (d) CB – 2.000-B; (e) 30 – 1247-B; (f) 30 – 1259-B; (g) CB – 4015-B; (h) CB – 4009-B; (i) 70.253-B; (j) M.L. 36; (l) 3066-X e (m) BF 207. Fonte: banco de imagens produzidas para o acervo digital da Discoteca L. C. Vinholes da Universidade Federal de Pelotas (2025)

Informações textuais relacionadas com a coloração dos rótulos da Columbia foram adicionadas com o início do uso do código catalográfico “CB – xxxxx”, marcado por mudança de logotipo e padrão de impressão do rótulo: os termos

“standard” (rótulo preto), “artístico” (rótulo azul) e “clássico” (rótulos vermelho e rosa). O termo “artístico” ainda foi encontrado em rótulos azuis de repertórios nacionais. Apenas dois artistas com essa distinção foram identificados na série CB-11000, ambos de música regionalista: o Conjunto Farroupilha, de música gaúcha, e o cantor pernambucano Gilvan Chaves, de música nordestina.

Discos de fabricação internacional foram encontrados com rótulos nas cores: preto (França, Inglaterra e Estados Unidos), branco (Figura 1i), bordô (Figura 1j), verde (Figura 1l) e marrom (Figura 1m).

Em resumo, o Quadro 1 e as imagens da Figura 1 mostram que rótulos de várias cores foram produzidos em diferentes períodos de fabricação da Columbia, com distintos logotipos e separados em diversas séries e segmentos catalográficos, tanto para repertórios nacionais quanto para internacionais. Apesar disso, algumas cores podem ter sido exclusivas de algumas nacionalidades para discos fabricados no exterior, como o branco (Uruguai), o bordô (Inglaterra), o verde (Estados Unidos) e o marrom (França).

Informações sobre coloração de rótulos em bases discográficas

Na página do catálogo digital do acervo de 78 RPM da Discoteca L. C. Vinholes está organizada parte das informações de sua coleção inventariada de discos, majoritariamente referentes às gravações de artistas nacionais, excetuando-se as marcas Victor, Victrola, RCA Victor e Victor Records, descritas em sua totalidade. Dentre os 15 campos de dados disponíveis para cada um de seus 6.254 fonogramas catalogados, ainda não há referência à cor do rótulo. Ilustrações do rótulo das marcas são oferecidas no campo “Miniatura”, com colorações que facilitam a distinção entre elas no catálogo, mas que não representam a informação de cor do rótulo de cada item, tampouco da versão correspondente de seu logotipo.

Dentre as bases discográficas nacionais disponíveis on-line, a Discografia Brasileira é um projeto do Instituto Moreira Salles que reúne diversos acervos importantes do país (Nirez, Humberto Franceschi, José Ramos Tinhorão, dentre outros), focado especificamente na catalogação da produção fonográfica de artistas nacionais em discos de 78 RPM, e que se originou da obra monumental de Santos et al. (1982). Sua página oferece opções de busca avançada para disco e para fonograma. Dentre os campos disponíveis em ambas as opções não há menção à cor do rótulo. Numa busca pela gravadora Columbia, são encontrados 2.190 discos (IMS, 2025). Escolhendo um de seus itens, são apresentadas as informações bibliográficas do disco, bem como, na maioria dos casos, o próprio áudio da obra gravada. Entretanto, não é oferecida imagem do rótulo.

O Instituto Memória Musical Brasileira é uma base discográfica dedicada à divulgação de diversos suportes de música gravada que se denomina como o “maior catálogo digital de discos de música brasileira”, contando atualmente com mais de 30 mil fonogramas em 78 RPM catalogados e disponíveis para consulta (Immub, 2025). Em sua busca avançada é possível selecionar a opção “78 RPM” e, selecionando a gravadora Columbia, foram encontrados 2.697 registros. Embora não haja um campo específico para cor do rótulo, diferentemente das bases anteriores, imagens dos rótulos são apresentadas em alguns itens, permitindo sua identificação.

A BNDigital é um repositório documental vasto, e dentro de seu acervo digital é possível realizar buscas por “material”, em nosso caso, “disco”, e pelo termo “Columbia” em “todos os campos”, resultando em 569 registros (FBN, 2025). Para cada registro, na opção “detalhes”, tem-se acesso a um conjunto amplo de informações organizadas na forma de metadados, em diversos formatos. Apesar de organizadas de forma a permitir seu compartilhamento e da diversidade informacional, nenhuma menção à cor do rótulo é feita em seus campos.

Dentre as bases discográficas internacionais, o Discogs é considerado o maior banco de dados discográficos do mundo e já possui mais de 18 milhões de registros, sendo mais de 450 mil somente no formato de 78 RPM. Apesar de ser uma base aberta, colaborativa e permitir a descrição de todas as informações contidas nos discos, incluindo inserção de imagens de fontes primárias, a base não oferece um campo específico para catalogação de informações gráficas como cor do rótulo ou versão do logotipo. Apesar disso, essas informações são frequentemente descritas no campo de notas de lançamento (*notes*), destinado a qualquer informação que permita a distinção entre diferentes versões de um lançamento (Discogs, 2025).

A base de dados da Discografia de Gravações Históricas Americanas é voltada majoritariamente para lançamentos internacionais em 78 RPM e também é colaborativa, embora em caráter fechado, ou seja, sem permitir abertamente a modificação externa de suas informações. O sistema permite diferentes formas de busca e navegação entre as categorias de informação, mas os registros estão estruturados de forma diferenciada, baseada na numeração de rótulo dos discos e no número de matriz dos fonogramas. A navegação sobre as informações da gravadora Columbia apresenta 76.270 matrizes, que estão classificadas em séries catalográficas descritas por bibliografia específica.⁴ A base também disponibiliza imagens e áudios de alguns registros (DAHR, 2025).

4 The Columbia Master Book Discography, organizada em quatro volumes compilados por Brian Rust e Tim Brooks. Detalhes disponíveis em: <https://adp.library.ucsb.edu/index.php/resources/detail/124>. Acesso em: 17 maio 2025.

Diferente das demais, a Discografia de Gravações Históricas Americanas apresenta campos de dados mais detalhados sobre a gravação, como data, local e número de tomadas (*takes*), bem como informações descritivas adicionais do arranjo musical (*description: male vocal solo, with orchestra*), idioma da canção (*language: French*) e categoria da obra (*category: vocal*).⁵ Embora não esteja presente em todos os discos, a informação de cor do rótulo é apresentada.

Um dos discos de fabricação internacional presentes na Discoteca L. C. Vinholes (Figura 1m) foi localizado nessa base e é registrado da seguinte forma: Columbia (France) BF-207 (BF series 10-in. (France/Belgium Brown)),⁶ descrevendo o disco fabricado na França como pertencente a série BF de 10 polegadas, do rótulo franco-belga marrom. O mesmo fonograma (matriz CL8469) foi lançado em outra série catalográfica, descrita como: Columbia (France) DF-3222 (DF series 10-in. (France/Belgium Blue/black)),⁷ sendo o disco francês da série DF de 10 polegadas do rótulo franco-belga azul e preto.

É bastante razoável, embora não possamos comprovar neste estudo, que a política de uso de diferentes cores com diferentes preços tenha sido empregada na comercialização de discos Columbia no Brasil. O uso dos termos “standard” (padrão), “artístico” e “clássico” em discos produzidos a partir de meados dos anos 1950 mostra que, pelo menos nos rótulos, alguma distinção qualitativa era feita. Mais bem posicionados nessa hipotética escala de valores, o uso de rótulos azul-claros para artistas e repertórios nacionais nos anos seguintes abre interessantes questionamentos sobre o uso dessas práticas, como, por exemplo, o que era considerado “artístico” para essa gravadora e quais eram as implicações dessa categorização?

Ulhôa (1997) aponta que no Brasil, até meados do século XX, a música popular estava relacionada à cultura tradicional, caracterizada pela oralidade e circunscrita a ambientes rurais em sua maior parte, e em oposição à música erudita, mais letrada e urbana. Com o advento dos meios de comunicação de massa, as tradições musicais orais passaram a ser designadas como música folclórica, e o termo música popular passou a definir as práticas musicais veiculadas por mídias. A autora oferece ainda subsídios para o entendimento da “hierarquia de legitimidades”, teoria lançada por Mário de Andrade no

5 Detalhes disponíveis em: <https://adp.library.ucsb.edu/index.php/matrix/detail/2000433576/CL8466-Copenhagen>. Acesso em: 17 maio 2025.

6 Detalhes disponíveis em: https://adp.library.ucsb.edu/index.php/objects/detail/493737/Columbia_France_BF-207. Acesso em: 17 maio 2025.

7 Detalhes disponíveis em: https://adp.library.ucsb.edu/index.php/objects/detail/492990/Columbia_France_DF-3222. Acesso em: 17 maio 2025.

âmbito do movimento modernista enquanto proposta em favor da autonomia e da identidade musical brasileira. Segundo a autora, entre os anos 1920 e 1950, “a música erudita ocupa o topo da pirâmide, seguida pela então música popular (hoje denominada folclórica ou tradicional). A música ‘popularesca’ ocupava o local menos privilegiado” (Ulhôa, 1997, p. 88). Essa hierarquia se estabelece, de um lado, com a música erudita, transformando a música tradicional em “arte”, e de outro, com a popularesca, música de massa ou de rádio. Para Mário de Andrade, “o artista necessitaria somente incorporar os elementos folclóricos numa forma erudita, transformando o popular no artístico” (p. 89).

De forma preliminar, o presente estudo identifica que, para repertórios nacionais, o termo “artístico” aparentemente foi utilizado pela Columbia para distinguir artistas e músicas de gêneros mais populares, como o samba e a valsa, de outros de caráter mais tradicionalista e regional, como o chotis e a dança gaúcha. De certa forma, corrobora as observações de Ulhôa (1997), trazendo novas considerações a serem interpretadas acerca da hierarquia de legitimidades proposta por Mário de Andrade e seus possíveis efeitos sobre as práticas comerciais dessa gravadora transnacional, levando em consideração a já comentada capacidade de adaptação de seu modelo de negócios ao mercado consumidor brasileiro (Vicente; De Marchi, 2020), bem como seu papel na popularização de gêneros representativos de nossa cultura musical (Lemos; Aragão, 2023).

Acerca dessas informações textuais cabem ainda algumas considerações. Esses termos não definem de forma categórica a cor do rótulo empregada, tampouco representam informação que descreva a obra musical em si, mas uma classificação arbitrária empregada pela gravadora para seus produtos que pode ter propósitos distintos, definir seu valor econômico ou seu valor qualitativo. Seu uso como prática de mercado em solo brasileiro vai ao encontro das informações descritas por Osborne (2007) na introdução do presente texto e, pelo menos hipoteticamente, orientavam o consumidor sobre o tipo de repertório que seria encontrado em cada disco. Apesar de tudo, reforçamos o fato que resta apresentado aqui: o uso de diferentes cores para segmentação de repertórios e artistas foi largamente empregado por essa e outras gravadoras em seus lançamentos no Brasil.

Entidades documentais (ou entidades bibliográficas) são definidas como instâncias únicas de conhecimento com propriedades (ou atributos) físicas e intelectuais que apresentam relação hierárquica de contenção, nas quais “a propriedade física é vista como a embalagem da intelectual” (Smiraglia, 2002, p. 749).⁸ Seguindo esse conceito, considerando o disco de 78 RPM como entidade

8 “The physical property is seen as the package for the intellectual one” (Smiraglia, 2002, p. 749).

documental, este estudo mostra que a cor do rótulo pode ser considerada um de seus atributos físicos, o qual permite reconhecer e recuperar informações referentes ao conjunto de obras lançadas com essa característica, ou, mais precisamente, o repertório de artistas e obras classificados sob tal categorização. Considerando ainda o modelo multifacetado de Downie (2003), os resultados deste estudo indicam que a cor do rótulo pode ser considerada informação musical de caráter bibliográfico para fins de sua recuperação e representação.

Ao apresentar a cor dos rótulos e suas séries catalográficas correspondentes como categoria informacional de discos em sua base de dados, a Discografia de Gravações Históricas Americanas contribui não apenas para melhorar a identificação desses objetos, mas também para a recuperação de detalhes sobre os contextos históricos, comerciais e sociais de sua produção, permitindo conhecer de forma mais precisa como essas informações estão organizadas e representadas. Diante da importância da cor do rótulo na classificação desses produtos, estudos qualitativos e quantitativos mais aprofundados sobre suas informações podem revelar como diferentes artistas e repertórios eram considerados pelas gravadoras em termos de preferência e prestígio.

Embora sem o uso de campos de categorização específica para cores e séries de rótulos, a base Discogs permite a inclusão dessas informações no campo de notas do lançamento, uma vez que essas informações auxiliam extensivamente na determinação de diferentes versões desses discos. Voltado para outro tipo de informação catalográfica, o campo “series”, disponível na descrição de lançamentos para sua submissão na base, poderia ser utilizado para essa finalidade no mesmo formato utilizado pela Discografia de Gravações Históricas Americanas; ou seja, informando cor e segmento catalográfico correspondente, que poderiam ser atribuídos ou adaptados conforme regras escolhidas pelos próprios usuários da plataforma.

Considerações finais

O presente estudo investigou o uso de diferentes colorações em rótulos de discos de 78 RPM da gravadora transnacional Columbia, buscando verificar como elas estão representadas em bases discográficas nacionais e internacionais e se as mesmas, por consequência, apresentam alguma informatividade no âmbito da recuperação da informação musical.

A literatura consultada demonstra que a prática do uso de diferentes colorações para segmentação catalográfica de repertórios e artistas foi extensamente utilizada por gravadoras nacionais e internacionais. Os resultados

aqui apresentados demonstram sua importância enquanto informação musical presente de forma gráfica nos rótulos desses discos, em vista de seu potencial informacional acerca dos contextos históricos e sociais presentes nas práticas comerciais de seus fabricantes. Apesar disso, foi observado que essas informações vêm sendo negligenciadas nos sistemas de organização de informação e catalogação de dados discográficos no Brasil.

Diferentemente, bases discográficas internacionais de caráter colaborativo como o Discogs e a Discografia de Gravações Históricas Americanas têm empregado campos específicos para descrição dessas informações, o que representa um importante avanço para fins de recuperação, organização e representação da informação musical presente em aspectos gráficos desses objetos. Além disso, essas bases se destacam ainda por oferecer informações contextuais que extrapolam os dados obtidos diretamente dos rótulos desses discos, permitindo agregar conjuntos de dados obtidos de outras fontes primárias na descrição dos registros.

A continuidade das pesquisas sobre o uso de diferentes colorações em conjunto com outros dados bibliográficos presentes em rótulos de discos de 78 RPM poderá indicar se existiu de fato uma hierarquização artística e econômica nos processos de produção, distribuição e comercialização dos discos Columbia no Brasil, e, ainda, se ela se refletiu nas práticas de outras gravadoras nacionais e transnacionais que operaram no país durante o período de fabricação dos discos de 78 RPM.

O presente estudo, feito sobre um recorte da coleção de discos produzidos por uma gravadora transnacional que operou no país, pode, em última instância, fornecer um retrato de como esses produtos eram consumidos pelo ouvinte brasileiro na época de sua comercialização. Estudos futuros sobre outras coleções e bases de dados podem ainda revelar se, de fato, a produção de discos de rótulos pretos pela Columbia foi quantitativamente maior que das demais colorações, bem como se houve predominância no uso de determinadas cores de rótulos na produção de repertórios nacionais ou internacionais, abrindo novas perspectivas de conhecimento da informação musical em sentidos e contextos mais abrangentes.

Os autores agradecem ao Programa de Bolsas Acadêmicas da Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Processo Fapesc n. 3245/2024) pelo apoio financeiro, e aos servidores vinculados ao Laboratório de Etnomusicologia do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas pelo auxílio na coleta e no tratamento das imagens utilizadas neste estudo.

Referências

- BUYS, Sandor Christiano. Discos fonográficos como fonte histórica: análise do recém-descoberto selo Apollo, feito pela Casa A Electrica (1913-1923). *Música Popular em Revista*, Campinas, v. 8, e021003, 2021.
- DISCOGRAPHY OF AMERICAN HISTORICAL RECORDINGS (DAHR). Disponível em: <https://adp.library.ucsb.edu/index.php>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- DISCOGS. Music database and marketplace. Disponível em: <https://www.discogs.com/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- DOWNIE, John Stephen. Music information retrieval (Chapter 7). *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 37, n. 1. Medford: Blaise Cronin, 2003. p. 295-340. Disponível em: https://www.music.mcgill.ca/~ich/classes/mumt611_08/downie_mir_arist37.pdf. Acesso em: 3 maio 2025.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (FBN). BNDigital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- FUENTES, Eduardo Vetromilla. Desvendando documentos musicais: um estudo sobre os rótulos de discos de 78 RPM da RCA Victor no Brasil. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 1-23, set./dez. 2024.
- GRONOW, Pekka. The world's greatest sound archive: 78 RPM records as a source for musicological research. *Traditiones*, v. 43, n. 2, p. 31-49, 2014.
- INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (Immub). Disponível em: <https://immub.org/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). Discografia Brasileira. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- LEMOS, Maya Suemi; ARAGÃO, Pedro. A cor do som: construção de alteridade e racialidade na fonografia brasileira em 78 rotações na primeira metade do séc. XX. *Revista de História*, v. 182, p. 1-36, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2023.200561>.
- LORIMER, Nancy. Unlocking historical audio collections: collaborative cataloging and batch searching of 78 RPM recordings. *Technical Services Quarterly*, v. 29, p. 1-12, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/07317131.2011.597682>.
- OSBORNE, Richard. The record and its label: Identifying, marketing, dividing, collecting. *Popular Music History*, v. 3, n. 2, p. 263-284, 2007.
- SANTOS, Alcino; BARBALHO, Gracio; SEVERIANO, Jairo; AZEVEDO, Miguel Ângelo. *Discografia brasileira 78 RPM: 1902-1964*. Rio de Janeiro: Funarte, 1982.
- SMIRAGLIA, Richard. Musical works and information retrieval. *Notes*, v. 58, n. 4, p. 747-764, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1353/NOT.2002.0100>.
- ULHÔA, Martha Tupinambá de. Nova história, velhos sons: notas para ouvir e pensar a música brasileira popular. *Debates*, v. 1, n. 1, p. 80-101, 1997.
- VEDANA, Hardy. *A Elétrica e os Discos Gaúcho*. Porto Alegre: SCP, 2006.
- VICENTE, Eduardo; DE MARCHI, Leonardo. Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010. *Música Popular em Revista*, v. 3, n. 1, p. 7-36, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/muspop.v3i1.12957>.
- VICENTE, Eduardo; DE MARCHI, Leonardo. Da música popular à MPB: um século de música e disco no Brasil. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, v. 26, n. 1, p. 377-388, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5209/esmp.67318>.

Recebido em 27/9/2025

Aprovado em 15/4/2026